



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

AGUILHADAS – *publicação mensal de crítica á arte, á politica e aos costumes*, existente na Hemeroteca Municipal nos números 1 a 12, de Junho de 1903 a Agosto de 1904 (1.^a série), cujo diretor/redator é Paulo Mendes Osório (1882-1965) e o editor é Alberto Ferreira das Neves. A sua sede foi na Avenida de Carreiros, 250, Porto. Foi impressa na tipografia a vapor da Empreza Litteraria e Typographica (Rua de D. Pedro, 178-184, Porto), em volumes de 16 a 32 páginas, e vendida ao preço avulso de 50 reis, com assinatura anual de 500 reis. Possui anúncios em alguns números.

CONTEXTO HISTÓRICO

A compita entre Hintze Ribeiro (1849-1907) e João Franco (1885-1929) estava em ebulição nestes primeiros anos do século XX. A relação política entre ambos intensificara-se quando, em 1893, por indicação de Serpa Pimentel, Hintze Ribeiro assume a Presidência do Conselho, escolhendo João Franco para a pasta do Reino. O gabinete “Hintze-Franco” funcionou de 22 de Fevereiro de 1893 a 7 de Fevereiro de 1897, significando o regresso ao “rotativismo”. Três anos depois, após a morte de José Luciano de Castro, Hintze Ribeiro passou a chefiar o Partido Regenerador, o que leva João Franco à demissão do partido (1901) e à criação de uma nova lei eleitoral, promovida por Hintze Ribeiro e concebida para impedir a eleição dos seus adversários, que ficou conhecida por “ignóbil porcaria”, esvaziando a votação nos franquistas, que se organizaram no Centro Regenerador Liberal.

“Estamos no ensino como no governo da nação: salvo raras excepções, os governantes pouco se importam com os governados; mal os conhecem, tiranizam-nos, a cada passo; reciprocamente, os governados não respeitam nem estimam quase nunca os governantes, e ao despotismo de cima respondem a má vontade e a rebelião de baixo... Corrupção e opressão, eis o sistema que, insistentemente, por toda a parte, intenta regernos. De aí o abatimento do ensino e da nação. Como havemos de reagir? Pelo nosso civismo”¹ (Bernardino Machado, em discurso na sala dos Capelos, a 30 de Julho de 1903).

É curioso comparar este excerto com o seguinte, retirado do próprio periódico em análise. No seu segundo número, refere-se ao confronto entre órgãos de imprensa, entre os quais também se assistia a duras compitas:

“A incompetencia dos nossos homens publicos é, de resto, coisa invocada por todos os partidos opposicionistas – e sempre com razão. Mas com respeito á imprensa, já não succede assim. É ella uma entidade que, quando se não admira, respeita-se, que se acaricia porque

¹ MALTEZ, Adelino. “António José de Almeida”, in <http://maltez.info/respublica/portugalpolitico/anuario/1903.pdf>.

se teme, que é para as criaturas que se mascaram de importantes na comedia social o mesmo que o papão para os pequeninos: é uma instituição, é uma necessidade, é uma força. Sem os seus artigos de fundo não se fariam as revoluções e os homens publicos, sem os seus telegrammas não chorariam velhinhas de oculos os mortos e os feridos dos descarrilamentos lá de fóra, sem os seus reclamos não venderiamos nós os nossos livros, sem os seus folhetins não haveria casamentos de paixão nem suicidios por amôr, sem os seus comunicados não se castigariam os malandros, não se quebravam as calumnias, nem se vendia a Badiana Phosphatada de Sued, sem os seus anuncios, ficavam ao desamparo os amantes contrariados, amas de leite, lojas de modas, novidades litterarias e criadas de servir. Tratemos pois com respeito entidade que, se alguma coisa prejudica, muito mais ainda remedeia.”

Este era o estado de espírito vivido em Portugal no ano em que sai esta nova publicação, ou seja, a política e a imprensa como palcos de acesas discussões.

Na política, assiste-se a uma grande atividade de propaganda e implantação dos franquistas, no país interior e nas classes médias, recolhendo o apoio de muitos que se reviam no discurso patriótico de João Franco, em nome da moralidade e da liberdade e contra o “rotativismo” de Hintze Ribeiro. Alguns escândalos políticos e uma forte agitação popular levariam à queda de Hintze Ribeiro e à subida ao poder de João Franco (1906). Hintze não mais abandonaria o confronto com Franco, desta vez já fora da política ativa, mas aproveitando todas as circunstâncias públicas para atacar o seu sucessor.

Na imprensa, é preciso analisar com atenta minúcia este periódico para também perceber que a sua bitola se distinguiria de outros mais, mas na linha de defesa do movimento franquista em ascensão, caldeando com crónicas e notícias de temáticas diversas.

NATUREZA, PROGRAMA E PÚBLICO

Este periódico assumiu a sua feição de panfleto, do género de *Os Gatos*, de Fialho de Almeida, “o grande artista d'algumas inolvidaveis paginas da sua obra antiga”, segundo Paulo Osório neste periódico. De natureza crítica e com um público interessado nas quezílias do quotidiano da vida política, o seu autor resume o programa no texto inicial:

“Para melhor e mais precisa comprehensão do titulo d'este pamphleto e das palavras que vão lêr-se, eu peço, sem o proposito de insulto, aos senhores todos – artistas, politicos, homens do mundo – que se considerem por um instante, para que sem esforço logrem attingir o symbolismo do meu intuito, unica e singelamente – bêstas.

Quando o animal vae indo desempenado e direito no caminho que justamente lhe compete, é claro que a aguilhada não fére e o guia, satisfeito, descansado, de bom-humor, não deixa de lhe dar amavelmente duas palavras de ternura. Se o bicho emperra, e não vae, e resmunga, e segue torto, a aguilhada então carrega sem piedade, sem

que lhe valham os ternos olhares compassivos e as blandícias na imminência dolorosa do castigo.

Os senhores devem ter compreendido suficientemente para, feito aviso, sem remorsos que depois nos roam – fiados na Divina Providência e na caridosa protecção das leis do reino, podermos seguidamente começar.”

A série de 12 números que se conhece termina com um sentimento de dever cumprido:

“Termina este numero a primeira serie das Aguilhadas. É já um longo caminho andado para quem vae só, com essa mesma unica força da sua independencia, por tão aspera jornada. N'esse percurso, feito com coragem e perseverança, juntou o auctor as suas convicções antigas os fructos d'um salutar ensinamento: desfez illusões, colheu ideias novas, conheceu melhor os homens e ficou pensando desoladoras coisas sobre o presente, o passado e o futuro da terra em que nasceu.

(...)

Ha já mais d'um anno que o modesto escrevinhador d'estas pequenas coisas sem criterio nem arte, pediu aos seus contemporaneos que se considerassem bêstas um instante, E, exceptuando um bardo de Guimarães que repontou com um comprovativo par de coices, todos pareceram annuir sem reluctancia á transitaria situação que se lhes dava.

(...)

E do assombro que o tomou n'essa hora augusta ainda hoje se lembra como se n'este mesmo instante houvesse succedido...”

Foi mais um projecto abraçado por Paulo Osório, escritor portuense que desde a fundação, por si ainda muito jovem, do periódico *Alvorada* (1896-1897), marcou presença no jornalismo de cariz político, defendendo a linha monárquica: “Ser republicano é de resto coisa vulgar aos bons espiritos; ser do partido republicano é que o não é. Porque aquillo que de mais contradictorio existe com os principios republicanos. . . é, na nossa terra de paradoxos, o proprio partido que as defende.” Após o fim de *Aguilhadas*, passaria a exercer em Lisboa, como partidário de João Franco, período no qual foi redator principal do *Diário Ilustrado* e candidato por Albergaria-a-Velha às eleições legislativas de 28 de Agosto de 1910 para a Câmara dos Deputados. Com a implantação da República, foi obrigado a seguir para Paris (1911), onde desempenhou diferentes cargos com relações directas com Portugal e na sua vertente de jornalista e publicista, designadamente, na Grande Guerra, partilhou com Augusto de Castro e António Lobo de Almada Negreiros a cobertura jornalística do conflito para o jornal *O Século*, compilando inclusivamente as suas reportagens no livro *Quando estávamos em guerra* (1920), e exercendo o cargo de chefe de gabinete de imprensa da representação portuguesa na Exposição Universal de Paris (1937).

CONTEÚDOS

Este é jornal de crítica política, mas o seu diretor já navegava noutras escritas jornalísticas. A referência a outros periódicos seus contemporâneos também se expressa em anúncio, neste caso compreende-se pela colaboração de Paulo Osório a este outro jornal portuense:

«"A Provincia". Este jornal da tarde, de grande circulação no Porto, com dezoito annos de existencia, passou por grandes transformações. Tem um largo serviço d'informação telegraphica, interna e externa; um corpo de redacção que preenche numerosas secções de política, de critica e de arte, do qual fazem parte Augusto de Castro, A. de Castro Neves, Fernandes Reis, Amadeu Cunha, Rodrigo Solano e Paulo Osorio, e uma brilhante collaboração litteraria de Julio Dantas, Carlos Malheiro Dias, Mayer Garção, Bulhão Pato, Antonio Patrício, D. Francisco Villaespesa e muitos outros. Escriptorios: Rua das Oliveiras, 79 – Porto»

Mas é a política o tema de eleição. Há um mês que João Franco consumara a dissidência (16 de Maio de 1903), no seio dos regeneradores, com a formação do Centro Regenerador Liberal. O novo grupo defende o reforço do poder executivo.

“João Franco é um nevropatha, tem nevralgias que o torturam e o irritam; d'ahi a sua ira, os seus assomos violentos – e a sua propria e tão fallada energia. Gosta de mandar: em Coimbra diz-se que era temido, pelos caloiros, em Portugal, no poder, é temido por toda a gente.”

Esta referência a João Franco podia não antever a colagem posterior do redactor ao franquismo. Na época, a sua impressão acerca do político que se demarcara de Hintze Ribeiro era de alguém que negava o seu passado: “A sua politica passada é a dos regeneradores, do snr. Hintze, é a politica que está em cima, é a politica d'agora com os assomos a mais d'uma energia doida e um furor maior de, reformando, estragar tudo.”

O redator via assim com desconfiança a demarcação de Franco em relação a Hintze, bem como a adesão popular a uma alternativa à política deste último:

“A razão por que umas centenas de pessoas se reuniram outrodia n'um salão lisboeta, em torno do snr. João Franco Castello Branco e disseram, consoante o poder da sua eloquencia e a agudêza do seu espirito, o que pensavam do papel que lhes cumpria na politica corrente, não bole com a affirmação d'uma ideia que seja interessante discutir muito a serio nem tem coisa de geito que se imponha á nossa attenção mais demorada.”

E adianta: “O snr. Franco zangou-se com o snr. Hintze: é uma questão caseira com que o publico pouco ou nada tem”. Mas esta publicação acaba por dar enquadramento a um período decisivo do franquismo, ou seja, a “cruzada moral” daquele político e dos seus correligionários a partir, precisamente, de 1903 (ano do arranque da publicação), que levaria ao período da “ditadura de

João Franco” (1907) e dos consequentes acontecimentos da mudança de regime em Portugal.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

MALTEZ, Adelino – “António José de Almeida” [Em linha] [Consult. 26Fev2016]. Disponível na internet: <URL: <http://maltez.info/respublica/portugalpolitico/anuario/1903.pdf>>.

OSÓRIO, Paulo – *Aguilhadas : publicação mensal de critica á arte, á politica e aos costumes*. Porto, 1903-1904.

Por Jorge Mangorrinha
Lisboa, Hemeroteca Municipal, 1 de Março de 2016